

CONTRIBUIÇÃO DAS INTERVENÇÕES ACADÊMICAS SOBRE EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL PARA A FORMAÇÃO DE UMA VISÃO EMANCIPATÓRIA DA SEXUALIDADE DE FUTUROS DOCENTES

BONFIM, Cláudia R. S.
Doutora em Educação na área de História, Filosofia e Educação – UNICAMP
Pesquisadora do Grupo PAIDÉIA – FE – UNICAMP
Docente da Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco
Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade
Tutora do GEPES – PET-MEC – FDB
Vice- Presidente da Associação Brasileira de Educação Sexual – ABRADES

Resumo: O presente estudo é qualitativo de caráter bibliográfico e com aporte de campo. O objetivo central foi analisar a contribuição das intervenções acadêmicas sobre educação afetivo-sexual emancipatória para a formação docente. Buscou-se através de palestras e oficinas contribuir para uma vivência qualitativa, saudável e prazerosa da sexualidade pautada na ética, na humanização, livre de dogmas, preconceitos e tabus, fundamentando-se especialmente em Freud (1996), Louro (2007), Nunes e Silva (2000) e Bonfim (2009). Os resultados sugerem que as palestras e oficinas pautadas numa educação afetivo-sexual contribuíram significativamente para a compreensão da importância do desenvolvimento da consciência corporal e de uma visão histórico-crítica da sexualidade, pois os futuros docentes declararam perceber a necessidade da compreensão sexualidade desde a infância e ressaltaram um enriquecimento em sua formação docente e humana através dos estudos e técnicas vivenciados.

Palavras-chave: Educação Afetivo-Sexual; Consciência Corporal; Formação Docente

1. Introdução

Consideramos que, tão importante quanto o aprendizado da leitura e da escrita do mundo, é saber ler a si mesmo e escrever sua história. Conhecer o seu corpo, suas possibilidade e potencialidades, pois assim como, adquirimos conhecimentos para transformar o mundo num lugar melhor, devemos conhecer nossa sexualidade para inicialmente tornamos melhor o nosso mundo interno, corpo e mente, que são o berço das significações da vida. Por isso, nossa defesa de que a educação afetivo-sexual escolar supere a abordagem sobre sexualidade pautada meramente nas noções biológicas, no aprendizado da anatomia do corpo humano, seus órgãos e funções, nos aspectos negativos como DST's, AIDS e gravidez não planejada. Os conhecimentos biológicos são necessários e importantes, mas não suficientes para a compreensão da totalidade da sexualidade, sendo assim, a Educação Sexual escolar, precisa, além da vertente corporal e

de saúde preventiva e reprodutiva, contribuir à formação de valores éticos e estéticos e para a crítica da forma banal, mercantilista e quantitativa que a sexualidade tem sido vivida nos dias de hoje.

A percepção senso-comum acredita que os adolescentes e jovens entendam de sexo e sexualidade, mas partir dos relatos em novas intervenções sociais e escolares, podemos afirmar que eles podem até entender da parte operacional do sexo em si (posições sexuais, como usar o preservativo). Mas não tem consciência da importância e da dimensão da sexualidade, nem sabem lidar com os sentimentos decorrentes da vida sexual ativa. A visão ainda é reducionista e genitalista, fruto da visão mercantilista que reduz o corpo a um objeto de prazer, desumanizando das relações afetivo-sexuais.

2. Objetivo Geral

O objetivo central desta pesquisa foi analisar a contribuição das intervenções acadêmicas sobre a educação afetivo-sexual emancipatória e das vivências corporais na ampliação da percepção corporal e da formação da consciência corporal de futuros docentes, proporcionando-lhes uma melhor compreensão da sexualidade humana, através de palestras e oficinas, buscando conscientizá-los da importância da consciência corporal, pois, acredita-se que o futuro educador deve se conhecer primeiro para que possa desenvolver a sensibilidade e o respeito para com o desenvolvimento e as necessidades do seu aluno. Acreditamos que, quando o educador vivencia suas limitações e visualiza suas potencialidades, pode transmitir maior segurança e confiança nas orientações aos seus alunos, e assim ajudá-lo a superar suas próprias dificuldades.

Importante ressaltarmos, que as palestras e a oficina ministradas aos alunos de Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Educação Física, pautaram-se no conhecimento científico. As vivências corporais se deram como complementação para buscar uma nova visão integral do ser humano e da sexualidade, superando a visão reducionista, genitalista, quantitativa e mercantilista da sexualidade na sociedade capitalista.

3. Problema

Conforme afirmou Bonfim (2009), a maioria dos Cursos de Formação de Professores ainda não trazem disciplinas inseridas na grade curricular que tratem da sexualidade como uma construção sócio-histórica-cultural. O que deixa uma lacuna no preparo docente para abordar a temática da sexualidade no ambiente escolar e para que possam desenvolver uma educação afetivo-sexual emancipatória. Diante desta constatação, surge o questionamento central deste estudo: as intervenções acadêmicas nos cursos de formação de professores podem ser uma alternativa para amenizar esta problemática? Estas intervenções podem efetivamente contribuir para que os futuros docentes possam ampliar sua visão da sexualidade e compreender a importância da educação afetivo-sexual emancipatória?

4. A Necessidade da Educação Afetivo-Sexual Emancipatória na Escola

Acreditamos ser a família, a primeira instituição que deve educar sexualmente as crianças, mas ela em geral, não cumpre seu papel. E a escola, segunda instituição educativa mais apropriada e privilegiada para esclarecer crianças, adolescentes e jovens sobre a educação afetivo-sexual, embora comece avançar em sua abordagem, ainda faz pouco nesse sentido. O ambiente escolar ainda privilegia a visão negativa médico-biologista-higienista, quase sempre associada aos métodos contraceptivos, DST's e AIDS e gravidez não planejada.

A escola ainda nega o corpo e o desenvolvimento da sexualidade da criança, enxerga como se ela fosse apenas uma cabecinha, aberta a ser um depósito, como na concepção de educação bancária que apontou Paulo Freire; onde serão depositadas informações e conteúdos programáticos. A criança é impedida de suas manifestações corporais, até mesmo as manifestações fisiológicas são controladas, controlando e estabelecendo horários para que a criança, por exemplo, possa ir ao banheiro quando sente vontade. Até mesmo, o levantar da carteira durante a aula é considerado, muitas vezes, como indisciplina. Nunes e Silva (2000, p.52) apontam:

Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real do seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque afinal, não existe uma separação entre

sexualidade infantil e sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e conseqüentes.

No ambiente escolar, especialmente na sala de aula, o professor quase sempre dissocia o corpo da mente, separa, mutila. Apenas a cabeça tem que ficar na sala de aula, o corpo só na aula de educação física. Sempre dual, fragmentado. Não conseguindo entender a totalidade do ser. Somos inteireza e não partes estanques, somos razão e subjetividade, somos seres biológicos e histórico-culturais. É no ambiente escolar, no contexto dessa tradição racionalista, que se desenvolve a noção de uma educação intelectual separada de uma educação corporal ou física sendo que ambas, destinando-se a dimensões consideradas opostas e inconciliáveis, ao serem justapostas - educação corporal e educação intelectual – compondo a chamada educação integral. Ainda se consolida a visão cultural de gênero, separando meninas e meninas, não permitindo que se socializem, que se reconheçam igualmente como seres humanos.

Consideramos como Louro (1999, p.21), que a criança no ambiente escolar é impedida de expressar-se na sua totalidade seja criativamente, verbalmente ou gestualmente, surgindo o que Louro chama de “corpo escolarizado” ou “corpo disciplinado pela escola”. Disciplinado para o silêncio e dentro de um modelo pré-determinado de fala: “mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas”.

Ainda se nega na escola a sexualidade da criança, talvez pelo desconhecimento das Teorias de Freud (1996) que nos mostra se dá o desenvolvimento psicosssexual, desde que nascemos, e o quanto as experiências de afeto que vivenciamos na infância podem marcar nossa subjetividade para o resto da vida.

Freud aponta a curiosidade sexual da criança é natural, na infância ela se dá através de perguntas e por jogos e brincadeiras, sem qualquer caráter maldoso, apenas como manifestação saudável e natural, necessárias ao seu amadurecimento e desenvolvimento afetivo-sexual.

Eis ai, a necessidade de abordar a temática desde a infância, de maneira natural, a partir da curiosidade de cada criança e necessidades de cada faixa etária. As relações afetivas que estabelecemos nesta fase tão importante da vida, vão ajudar a nos construir enquanto sujeitos e imprimir a visão que teremos de nós mesmos, do outro, do mundo. Influenciando nossa forma de ser, amar, se relacionar, afetiva e sexualmente.

A educação afetivo-sexual emancipatória que queremos pauta-se numa abordagem que entenda a sexualidade de maneira saudável, prazerosa, bonita, natural e essencial em nossa vida. E que busque fornecer ao ser humano as ferramentas necessárias para que ele se permita conhecer seu próprio corpo e compreender sua sexualidade, para que possa por si mesmo ser capaz de realizar escolhas afetivo-sexuais.

Reich (1992), já afirmava que, uma educação autoritária, disciplinadora e de certa forma que negue as manifestações corporais da criança, podem provocar um desequilíbrio da sensação somática o que afetará a autoconfiança e a unidade do sentimento do corpo da criança, que para controlar seus afetos, vão desde então, enrijecendo o corpo através de sua educação, assim a criança é impedida de desenvolver seus movimentos naturais das crianças através das inibições impostas à elas, causando distúrbios na pulsação biológica, pois como forma de amenizar os sentimentos de angústia, a criança acaba por interromper o ritmo normal na respiração, tensionando o abdômen.

Como aponta Reich (1992, p.60), “é prendendo a respiração que as crianças costumam lutar contra os estados de angústia, contínuos e torturantes, que sentem no alto do abdômen ou nos genitais e têm medo dessas sensações”, formando desde a infância o que Reich denomina de couraça rígida, que impede o movimento ondulante do peitoral, bloqueando a respiração, como forma de anulação das sensações fortes seja, de prazer ou angústia, apontada como sendo o mecanismo básico da neurose. Pois, ao perder este bloqueio respiratório, deixa seqüelas, que acabam também por causar um bloqueio da criatividade e espontaneidade da criança.

Negrine (1998), afirma que a aprendizagem e experiência de vida se dão através do corpo. Os movimentos corporais são expressam as sensações, pensamentos e sentimentos nos possibilitando-nos, muitas vezes, compreender a maneira de sentir e agir das pessoas.

5. A Importância das Intervenções Acadêmicas sobre Educação Afetivo-Sexual Emancipatória

Diante das premissas já apresentadas, como a escola pode contribuir para melhorar a consciência corporal e o desenvolvimento da sexualidade? E por que os docentes sentem tanta dificuldade em trabalhar a educação afetivo-sexual emancipatória na escola?

Retomando Bonfim (2009), os cursos de formação docente não têm oferecido um espaço privilegiado para a aquisição de conhecimentos científicos que abordem a sexualidade em todas as suas dimensões e, ressalta, a necessidade de que os cursos de formação docente introduzam em sua grade curricular disciplinas que abordem a sexualidade em todas os seus aspectos: biológicos, históricos, políticos, psicológicos, culturais e sociais que ofereçam um embasamento teórico e crítico da sexualidade humana, apontando a importância da formação da consciência corporal, para o docente possa abordar a educação afetivo-sexual emancipatória, possibilitando uma visão do ser humano na sua totalidade, respeitando sua subjetividade, ou seja, suas emoções, sentimentos, sentidos, necessidades e manifestações, como parte integrante e integrada do processo ensino-aprendizagem.

As afirmações de Bonfim (2009) reforçam a necessidade de intervenções acadêmicas especialmente nos cursos de formação docente, Licenciaturas e Pedagogia, para de alguma forma promover um espaço de debate sobre a importância da educação afetivo-sexual no espaço escolar, bem como, ampliar o conhecimento dos futuros docentes sobre a compreensão da sexualidade e sobre as formas de abordagem nas diferentes fases.

Pautando-nos em Alexander (1991), podemos afirmar que, esta formação não deve ser obtida apenas através de leituras e reflexões teóricas individuais, como também através de atividades de vivências corporais em grupo, permitindo um contato próximo com o outro visando aprofundar a compreensão de diferentes personalidades, bem como, oportunizar o desenvolvimento de uma das qualidades fundamentais que, consideramos fundamentais em todos os educadores, a sensibilidade, pois o educador deve ter um olhar sensível capaz de perceber, observar e compreender a expressão corporal e as mudanças de comportamento de seus alunos.

Consideramos necessário analisar e refletir criticamente, sobre a percepção que permeia o conceito de corpo na sociedade atual, abordando desde o conceito padronizado de beleza (mito de corpo perfeito), corpo como objeto (coisificado), corpo como mão-de-obra explorada (visão capitalista), o corpo como produto (visão mercantil - prostituído) e a dificuldade de reconhecimento do próprio corpo (corpo sexual controlado, reprimido), fruto de uma visão social reducionista da sexualidade, sendo um dos fatores que levam à vivência reducionista da sexualidade, focando-a nas genitálias (no ato sexual), deixando de reconhecer, compreender, explorar e vivenciar a totalidade do ser (corpo e mente) em sua totalidade e potencialidade.

Afirmamos que, para orientar adequadamente, assim como, compreender, respeitar e engendrar a formação da consciência corporal do outro, necessitamos antes, ter um conhecimento do nosso próprio corpo, física e emocionalmente (psique). O que mostra o quanto necessário é, que na formação docente se oportunize de alguma forma a construção de uma visão integral do ser humano, superando a visão fragmentária do corpo em partes estanques, por uma visão que considere a pessoa em sua totalidade: corpo, sentimento, cultura, vivências sócio-ambientais, entre outros aspectos.

Como afirma Foucault (2005, 2006), desde o século XVIII a sociedade passou a viver sob repressão sexual. E que, a ascensão da burguesia, reduziu o sexo à sua função reprodutora, onde o casal procriador passou a ser o arquétipo. E O que não se enquadra dentro desta “normalidade“- é excluído, negado, silenciado. Mas, a sociedade burguesa permite algumas exceções, restringindo as sexualidades negadas a lugares onde possam gerar lucros, como por exemplo, as casas de prostituição.

Louro (2007), afirma que, a sexualidade, os corpos e os gêneros vêm sendo descritos, compreendidos, explicados, regulados, saneados e educados pelas instâncias sociais.

Bonfim (2009) entendendo a sexualidade como todas as nossas manifestações e interações biológicas, psicológicas e sociais também aponta que o corpo funciona como lugar de categorização social, como superfície de inscrição de marcas distintivas como as vestimentas, o comportamento corporal constituindo-se inclusive, em tipificações de classes sociais, culturas, gênero, entre outros. Embora, a sexualidade seja a dimensão das interações humanas ligando-se diretamente ao corpo como dispositivo de prazer (inclusive de reprodução e produção), o entendimento que se tem do corpo constrói-se, a partir das representações sociais do corpo e das fantasias individuais.

Consideramos que a escola como um todo é um campo privilegiado para desenvolver a consciência corporal, e que os cursos de formação docente, a Pedagogia e as Licenciaturas de maneira geral, mas em especial a Pedagogia e Educação Física, oferecem campos privilegiados para trabalhar as manifestações da sexualidade das crianças. A sala de aula, o espaço escolar em si é onde ocorre a socialização, a interação, e onde a criança estabelece relações afetivas, e a afetividade está inserida dentro da sexualidade humana que constitui-se como desenvolvimento e relacionamento humano (físico, subjetivo, afetivo).

Nas Licenciaturas, se o curso de Educação Física formasse de maneira ampla e crítica seus docentes estes poderiam também desenvolver um trabalho realmente significativo. É uma área que estão, constantemente, voltada para a compreensão e o domínio do corpo, podendo contribuir assim, para a problematização e desconstrução dos conceitos de corpo, gênero e sexualidade hegemônicos no contexto escolar especialmente, no que diz respeito a valores. A Educação Física em particular, sendo uma disciplina que trabalha o sujeito em sua totalidade, se for ministrada de maneira crítica pode contribuir significativamente para a formação de consciências críticas e para a superação da visão social reducionista e cultural hegemônica de corpo. Daí, a urgente necessidade de se falar de ética corporal, buscar desenvolver valores, capacidade de discernimento, espírito crítico, reflexões face às atitudes e comportamentos.

As demais Licenciaturas também oferecem espaço apropriado para o trabalho da educação sexual, e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais já apontam a temática como transversal, mas os docentes não têm recebido a base teórica e prática para a abordagem do tema. Como aponta Bonfim (2009) a própria disciplina de Ciências e Biologia que obrigatoriamente tem a sexualidade como conteúdo programático obrigatório, não oferece condições para o futuro docente trabalhar a educação

Claro que, a conscientização deve ser bilateral, de ambos os lados: escola e família. A visão natural acerca do termo sexualidade deve acontecer não só dentro do ambiente escolar, mas dentro do seio familiar. Entendemos que, a escola é um dos ambientes mais adequados para a formação valores capazes levar os alunos a romperem esse círculo vicioso da cultura, essa visão reducionista da sexualidade e os padrões corporais estereotipados que alicerçam a sociedade capitalista mercantil.

Materiais e métodos

Caracterização da pesquisa: Qualitativa, experimental, bibliográfica com aporte de campo.

Universo de Pesquisa: Acadêmicos de Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Educação Física

Amostra: 40 acadêmicos dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Educação Física, com idades entre 18 e 32 anos.

Instrumento de coleta de dados: Além da observação, como instrumento de coleta de dados, utilizou-se questionário dissertativo, com a finalidade de constatar se houve ampliação da percepção corporal, da importância da Consciência Corporal e da Educação Afetivo-Sexual para a vivência de sexualidade e para sua formação docente, buscando avaliar a evolução de cada participante na palestra e na oficina de vivência corporal, onde além do questionário para nossa análise, utilizamos a técnica da observação, especialmente nas atividades em que havia necessidade do contato corporal com o outro e do reconhecimento do seu próprio corpo, ora através do toque, ora simbolicamente, através de desenhos.

Resultados: Para análise dos dados coletados através dos questionários, utilizamos o Método de Bardin. A partir da leitura dos questionários, foram estabelecidas algumas categorias principais que nos permitiram analisar os dados.

Categoria 1: Percepção corporal antes e após as vivências corporais

Constatou-se em relação à percepção corporal antes das vivências, nas palestras e nas oficinas, que alguns acadêmicos descreveram-se tensos e envergonhados. E que a maior dificuldade que tiveram foi em relação ao próprio corpo e ao ter que tocar o corpo do outro. O toque, quando intencional ainda é visto com muita resistência.

Considerando Alexander (1991) partimos da hipótese que os acadêmicos oriundos do Curso de Licenciatura em Educação Física, por realizarem estudos relativos ao corpo e praticarem atividade física, tivessem uma imagem corporal mais desenvolvida do que os acadêmicos de Pedagogia. O que não se confirmou.

Quando questionados: se as palestras e a oficina contribuíram para ampliar a sua percepção corporal e os levaram a refletirem sobre a importância da Consciência Corporal e de uma vivência qualitativa, prazerosa e humana da sexualidade, livre de dogmas, tabus e preconceitos; a maioria dos participantes declararam que após as atividades desenvolvidas compreenderam melhor a importância do auto-conhecimento corporal e do desenvolvimento consciência corporal de si e do outro, de maneira natural.

Sobre a questão: Você acredita que o conhecimento adquirido no Ciclo de Palestras e na Oficina facilitará sua abordagem junto aos seus futuros alunos? E na vivência da sua sexualidade? A maioria dos estudantes, declararam que, eventos desta natureza são importantíssimos para que eles possam entender melhor o universo da sexualidade e

compreender a sexualidade e sua função na vida, assim como para prepará-los para abordar o tema com seus alunos.

Categoria 2: Dificuldade na execução das atividades de vivências corporais na oficina

Ao responder a questão: em qual atividade da oficina você sentiu mais dificuldade na execução? E por quê? A maior parte do grupo não demonstrou dificuldade na execução da maioria das atividades da oficina. Porém, nos momentos que as atividades desenvolvidas tinham como objetivo confiar no outro, observou-se que a maioria dos participantes encontraram dificuldade. E a finalidade era exatamente mostrar e constatar a dificuldade que as pessoas tem de se entregarem na relação com outro ou de se deixarem conduzir.

O objetivo nesta atividade era vivenciar o corpo do outro, sentir de maneira natural, apontando a importância da auto massagem como técnica de autoconhecimento corporal e de conhecer o corpo do outro, reconhecendo mutuamente às áreas do corpo que lhe dão mais relaxamento e prazer pelo toque. Conscientizando-os que, desenvolvendo a consciência corporal, podemos humanizar as relações afetivas e sexuais, ampliar as zonas erógenas, facilitar o relaxamento e a excitação, bem como adquirir maior controle corporal.

Considerando Platts (1997), através de práticas onde as pessoas necessitam confiar na outra acabam por revelar como uma pessoa se sente ao ter que ter confiança em alguém que teve que deixar ficar no controle.

Na atividade, onde um participante deitava-se de olhos fechados e era massageado no corpo (com restrição de não poder tocar nas genitálias e seios) percebemos sentimentos de vergonha por parte de alguns e um participante, declarou certa resistência inicial ao toque do outro. No decorrer das vivências corporais, observou-se que os participantes foram se soltando.

Na atividade, onde desenhavam o próprio corpo nu e socializavam o desenho com os colegas, alguns participantes declaram sentir dificuldade e uma aluna inicialmente se negou a socializar o desenho. O que nos levou a pensar, como um docente irá trabalhar a corporeidade com seus alunos se um simples desenho do seu corpo num pedaço de papel lhe deixa envergonhado?

Categoria 3: Relatos sobre Consciência Corporal ao término das Palestras e das Oficinas

Ao final dos eventos os participantes relataram oralmente, bem como, através das respostas escritas, entenderem melhor a importância do conhecimento do seu corpo e da consciência corporal para seu desenvolvimento humano e uma vivência qualitativa da sexualidade.

Categoria 4: Sobre a visão de sexo e sexualidade após a Palestra e a Oficina

Os participantes declararam que antes da participação no evento, entendiam pouco sobre a sexualidade, apontaram a complexidade do tema, e que após o evento, passaram a ter outra visão do que é sexualidade e a importância da educação afetivo-sexual.

Categoria 5: Expectativas iniciais e finais quanto à participação na palestra e na oficina de vivências corporais

Sobre a questão: Quais as expectativas e motivações que o levaram a participar do ciclo de palestras e da oficina? A maioria dos estudantes apontaram que a motivação inicial foi a curiosidade de conhecer mais sobre o assunto e obter um embasamento para sua formação.

Quando questionados se palestra e a oficina alcançaram ou ultrapassaram suas expectativas iniciais em relação à proposta? Você avaliaria a Palestra e a Oficina como significativa para uma possível modificação na percepção corporal e da visão do que é sexualidade? Todos os participantes referiram que as suas expectativas iniciais foram alcançadas e em sua maioria, superadas.

Na pergunta: Você acredita que o conhecimento adquirido na Palestra e na Oficina facilitará sua abordagem junto aos seus alunos? E na vivência da sua sexualidade? De modo geral os participantes apontaram ambas as respostas de maneira positiva e significativa.

Quando pedimos para que os participantes apontassem quais os principais aprendizados adquiridos na palestra e na oficina; a maioria apontou especialmente sobre a importância da afetividade na sexualidade, responsabilidade na sexualidade, saber

responder de forma adequada as perguntas dos alunos, conhecer mais sobre o próprio corpo, conceitos de sexualidade, sexo, sobre os preconceitos de gênero; a importância da afetividade nos relacionamentos; sobre as diferentes formas de abordar a sexualidade na escola; a encarar a sexualidade maneira natural e bonita.

Ao serem questionadas oralmente, se as acadêmicas presentes conheciam seu corpo e já haviam em algum momento visualizado sua própria vagina em um espelho, nenhuma delas manifestou-se positivamente. O que nos leva a pressupor que em pleno século XXI, as mulheres frutos de uma educação patriarcal, machista, falsamente moralista, ainda trazem os tabus, dogmas e pré-conceitos historicamente condicionados e não se permitem sequer reconhecer seu corpo em sua totalidade.

Resultados

Através dos dados coletados e relatos durante as palestras e oficinas, bem como, da observação sensível da pesquisadora foi possível verificar, que conseguimos provocar nos acadêmicos a necessidade da compreensão e da importância do desenvolvimento da consciência corporal, assim como, de se criar espaços que possibilitem a formação docente para abordar a educação afetivo-sexual na escola e para a vivência qualitativa de sua própria sexualidade, pois não é possível educarmos sexualmente se não estivermos bem com nossa própria sexualidade.

6. Considerações Finais

Por entendermos a sexualidade, como desenvolvimento e relacionamento humano, como experiência subjetiva e afetiva e não apenas física, nem reduzida ao sexo, e que o educador se relaciona com seres humanos; pessoas que são uma inteireza, corpo e a mente; buscamos mostrar o quão fundamental é, que os futuros docentes tenham espaço em sua formação para se conhecer e interagir com o outro, tornando-o mais capacitado para compreender, reconhecer, respeitar e orientar o desenvolvimento da sexualidade do aluno, bem como, suas manifestações e necessidades corporais, biológicas e psicológicas.

O estudo nos leva afirmar a importância das intervenções sobre educação afetivo-sexual emancipatória, como forma de propiciar a compreensão da sexualidade de maneira

natural, saudável, ética e prazerosa. E, esse entendimento, se dá através de uma visão do aluno em sua totalidade, de uma educação integral (Paidéia) numa abordagem somática.

Pautados nesse estudo, e em estudos anteriores que desenvolvemos, podemos concluir, que a educação sexual ainda traz profundas raízes da educação patriarcal e mesmo após inúmeros estudos realizados, intervenções, lutas e conquistas, a vivência sexualidade precisa ser amplamente socializada, debatida, dialogada, para que possamos quebrar os tabus, dogmas e preconceitos socialmente construídos e ainda existentes.

Se dentro do universo acadêmico, em cursos de formação docente, onde se pressupõe que, as pessoas sejam mais esclarecidas em relação à vivência da sexualidade, foi possível constatar os vestígios da educação sexual repressiva, de uma visão reducionista do corpo e da sexualidade; o desafio e a inquietação que sentimos é ainda maior, ao pensarmos na compreensão do desenvolvimento da sexualidade de grande parte da população, que além das influências sócio-histórica-culturais, vivem uma sexualidade extremista. Ora reprimida, ora exacerbada. Por decorrência também da sexualidade mercantil, instintiva e quantitativa disseminada pela mídia. O que nos convoca e aumenta nossa responsabilidade em continuar nossos estudos e socializar nosso conhecimento sobre a sexualidade humana, buscando esticar horizontes e formar consciências críticas, éticas e emancipatórias.

Conforme apontou Bonfim (2009), os docentes pouco conseguiram avançar na superação da visão moralista, repressiva e biologista, o que se consolida pela falta de formação adequada dos docentes para abordar um tema tão necessário como a Educação Sexual especialmente em tempos de globalização, e da avalanche precoce, banal e hedonista do sexo, especialmente difundida pela Internet e pela mídia.

Diante de constatações como estas, é emergencial que a escola incorpore projetos sobre a educação afetivo-sexual emancipatória, de modo que possamos superar esta concepção meramente biologista, marcadamente preconceituosa, discriminatória, repressora, reprodutiva, banal. Buscando construir uma educação afetivo-sexual pautada na investigação de base histórica, ética, estética, política, cultural e ontológica.

Mesmo após todas as nossas incursões teóricas e intervenções acadêmicas e sociais, acreditamos, ser possível fazer um projeto de educação afetivo-sexual que leve em conta os princípios de uma educação humanizadora e emancipatória. Trata-se de uma utopia lúcida e desafiadora, que não pode ser pautada num projeto individual, mas coletivo e multidisciplinar, que incorpore profissionais de diversas áreas, desde educadores, médicos,

enfermeiros, psicólogos; não se trata aqui de supor um estado idílico, à semelhança das proposições ingênuas de naturalismos bucólicos ou românticos. Pretendemos juntar forças para construir uma educação afetivo-sexual emancipatória, a partir de movimentos sociais, de palestras, oficinas, congressos, simpósios, unindo forças e criando espaços de debate e esclarecimento para a construção de referências éticas para a vivência da sexualidade.

Entendemos, que a educação sexual está marcada por relações e embates sociais e econômicos historicamente condicionados a partir das transformações dos modos de produção da sociedade, e que temos que identificá-los para que buscar superá-los, a partir de uma nova vivência da sexualidade, pautada na igualdade, na afetividade, na humanização.

Chamamos atenção para a necessidade da escola abordar a sexualidade associada a vida, ao afeto, ao prazer, aos sentimentos positivos, imprimindo sentido e significados à vivência da sexualidade, ultrapassando seus aspectos negativos. Ao silenciar o prazer, a potencialidade afetiva e de realização plena, de relacionamento com o outro, do encontro, a escola e a sociedade reforçam uma sexualidade procriativa, utilitarista, banal e consumista, reforçando uma sexualidade genitalista, concentrando-se na anatomia, como se a sexualidade e o prazer se concentrassem apenas nos órgãos genitais, ou ainda, a sexualidade não passasse de um conjunto de prescrições hormonais, funcionais ou performáticas.

Ressaltamos que, não estamos excluindo a importância da compreensão biológica da sexualidade em contraposição às ciências sociais e humanas, mas entendemos que para uma compreensão plena da sexualidade e suas potencialidades subjetivas, precisamos homogeneizar as abordagens existentes, para possibilitar a superação da repressão, dos preconceitos e das resistências e impasses que permeiam o campo da sexualidade humana.

Precisamos urgentemente, promover uma ampliação da compreensão da historicidade e da construção sócio-cultural da sexualidade, que possibilitem, então, aos educadores, a aquisição de conhecimentos e de referenciais pedagógicos para conduzir a educação afetivo-sexual nas escolas. Essas possibilidades e idealizações pedagógicas somente serão realizadas se assumirmos o pressuposto de uma sociedade que supere a visão reducionista da sexualidade e a reconheça como intrínseca à natureza humana, sendo sua compreensão fundamental para melhorarmos a qualidade da vivência da sexualidade e das relações afetivas que estabelecemos conosco mesmo e com as pessoas que convivemos.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, G. **Eutonia**: um caminho para a percepção corporal. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas**: contradições, limites e possibilidades. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: Unicamp, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. (V. I.). Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREUD, Sigmund. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996(a).
- _____. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996(b).
- LOURO, G. L.. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. (Org.) “Pedagogias da sexualidade”. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.
- NEGRINE, A. **Terapias corporais na formação pessoal do adulto**. Porto Alegre: Edita, 1998.
- PLATTS, D. E. **Autodescoberta divertida**: uma abordagem da fundação Findhorn para desenvolver a confiança nos grupos, São Paulo: Triom, 1997.
- REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**: Problemas Econômico-Sexuais da Energia Biológica. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- VIEIRA, A. **O método de cadeias musculares e articulares de GDS**: Uma abordagem somática: Movimento, p. 41-49, 1998.